

PREFÁCIO

Arte e Sabedoria de Viver no Cenário Contemporâneo: o valor da Filosofia, das Artes, da Literatura e das Ciências

Sidinei Pithan da Silva²

Na oportunidade em que tenho o privilégio de ser um dos primeiros leitores da obra – Biosofia –, cumprimento os autores pela linda escritura. Os textos produzidos expressam a força de um coletivo que motivados pela ideia de pensar um saber integrado à vida, mobilizam saberes, que permitem definir certo núcleo identitário de uma forma de relação com o mundo, a qual denominam de Biosofia. Um aspecto que encanta no escrito é que, além de serem atuais e concretos os problemas explícitos nos textos, eles produzem efeitos de sentido que mobilizam nossos afetos, e despertam nossa responsabilidade, seja, pela própria vida, seja pela vida do Outro, seja pela própria condição da vida em escala planetária.

Logo de imediato, o convite a pensar sobre o projeto de uma sociedade democrática e republicana, a partir de Condorcet, é feito por Vanderlei Gularte Farias, ao escrever o texto: *Sabedoria na República a partir de Condorcet: Biosofia e Educação*. O referido autor nos desafia a pensar que o projeto de uma filosofia política, esboçada antes de nós, inaugura um modo de pensar que se tornou característico da modernidade. Esse tempo histórico narrado, marca de um conjunto de esperanças, e expectativas, que se tornaram concretas após a Revolução Francesa (1789), sinalizam para uma forma de conceber o poder e a sociabilidade humana. Carrega em si, o pressuposto de que a vida, toda forma de vida humana, tem o Direito de ser reconhecida em sua dignidade. A retomada do projeto condorcetiano, embalada por uma aposta na via da política e da educação, representa claramente um ideal sempre presente, quando imaginamos que um projeto de vida individual, sempre precisa considerar uma Constituição que preserve e confira estabilidade para uma vida social em seu conjunto. Conforme o autor, para Condorcet (2013a, p.101), precisamos “uma educação para combater a desigualdade, uma vez que esta é produzida”.

² Doutorado em Educação - UFPR. Professor da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: sidinei.pithan@unijui.edu.br

O esforço de considerar o marco civilizatório do pensamento liberal e republicano, vem seguido de uma reflexão radical e bem fundamentada no pensamento de Antônio Gramsci. Sob este pressuposto, Evandro Santos Duarte, escreve o texto intitulado: *A formação cultural e a luta política nos Escritos Políticos* (1910-1926) de Antonio Gramsci: a busca pela construção da práxis política emancipatória. Se o ideal de educação condorcetiano se dirige ao povo em geral, apontando sua necessidade de instrução a fim de participar da esfera da política e do mundo público, nada mais atual que o contraponto, criado agora no adentrar do século XX, pelo intelectual italiano, em sua aposta em uma sociedade emancipada. Se a vida, em sua dignidade, deveria ser protegida, como fundamentam os marcos do liberalismo, essa via, no entender de Gramsci, estava apenas em processo.

O pensamento socialista, embalado também pela aposta moderna nos ideais de igualdade, sugere que uma mudança social depende da produção de uma cultura. Estamos literalmente, nesses dois primeiros textos, analisando os grandes embates, que se deram no pensamento da filosofia política, nos quais, liberais e republicanos, apostam numa via radical de liberdade, pela via da defesa da liberdade política, e os socialistas, reivindicam, uma liberdade concreta, em todo sentido da vida humana, o que parece indicar a necessidade de igualdade nas condições de vida. O marco desse tensionamento, pelo pensamento do autor, não deixa de ser algo não realizado, como também algo em movimento, no qual os intelectuais, a todo momento, participam da esfera de produção da cultura. Possivelmente, parte do sonho de uma sociedade socialista (futura) tenha entrado em crise ao longo do século XX, mas o reconhecimento da exploração do mundo do trabalho e o desejo de uma mudança social, continuam vivas no imaginário de pensadores que também comparecem na obra, mobilizados pelos autores, tais como Zygmunt Bauman, Edgar Morin e Cornelius Castoriadis. Importa, reconhecer ainda, como bem acentua o autor, sobre o valor da democracia, como forma e via para construir as mudanças sociais.

A invocação dos pressupostos liberais e, republicanos, bem como socialistas, para pensar no que nos desafia enquanto seres que precisam pensar a vida, também é acompanhada de uma reflexão que recoloca em solo teológico um sentido original de cuidado para com a vida e para com o próximo. O solo não apenas para nossa herança grega, como também semita, é retomado, e o eco da esperança na palavra, ganha aporte importante. O significado de uma mensagem que recoloca a força do imaginário teológico na produção de um sentido de vida, de um diálogo com o transcendente, emerge como um Outro que nos coloca para o problema de aprender a viver tendo em vista a finitude da vida

humana. Assim, temos a presença forte e marcante do texto de Silvana Aparecida Pin e Claudir Miguel Zuchi, os quais tematizam *Princípios teológicos da relação homem e mulher: sabedoria e dignidade*.

Se os escritos acerca da ênfase de uma vida centrada na pólis (Grécia clássica), da constituição de um agente público (liberalismo e republicanismo), ou mesmo histórico (socialismo), significaram a retomada de uma postura ética e política vinculada à ação social, a mensagem estoíca, produzida no século III a.C, como também a mensagem cristã agostiniana no século IV d.C, representam uma atenção e busca da felicidade, com particular atenção para a vida interior, ou para a tranquilidade da alma. Isso não significa um esquecimento de nossos semelhantes, ou do nosso planeta, mas uma mensagem de proximidade e amor para com o próximo e para uma forma de responsabilidade com o que se tornou presente em termos de problemas ecológicos que atingem a todos no século XXI. Os autores nos autorizam a compreender que a atualidade da mensagem teológica hoje representa que: “O cuidado com a vida do ser humano e com a relação homem e mulher exige compromisso com a vida de todos, da terra e da preservação dos seus ecossistemas”.

Essa atenção para com o pensamento da filosofia política e da filosofia moral, não deve esquecer do valor da Literatura, tampouco, o que tem representado uma virada linguística nas nossas concepções de mundo a partir dos enfoques da filosofia analítica, da hermenêutica filosófica, do estruturalismo e dos estudos da complexidade no século XX. Nesse campo de interesses, Rudião Rafael Wisniewski, escreve o texto - *Sabedoria para Viver, compreender e comunicar: Biosofia como movimento de complexidade, sentimento e tradução*. Para Wittgenstein, conforme o autor, “as fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu mundo”.

Em um aspecto amplamente secular, pondo em crise um modo metafísico de nossa relação com o mundo, emerge então uma outra forma de sabedoria de viver, na qual o compreender e o comunicar se articulam com o sentir e o traduzir. A Literatura, a poesia, a arte, não podem ser apenas os outros da razão, mas uma forma especial de relação do humano com o mundo e produtores de nossa forma de representar, sentir e imaginar. A Biosofia, nesse sentido, é um movimento de complexidade, de sentimento e de tradução. A abordagem da filosofia da linguagem, recoloca um horizonte de finitude, ao mesmo tempo que ilumina uma condição para pensarmos nossa relação com a política e a ética de forma contingente.

Não nos esqueçamos aqui, que ao fundo, o enfoque da linguagem carrega as heranças do romantismo, e seu contraponto ao racionalismo moderno.

Incumbe aqui, a lembrança do lugar não apenas da religião, da razão, mas também do imaginário, e da estética no mundo moderno. Uma arte e sabedoria de viver, não dependeria de uma objetividade que viria do universo das ciências, mas dependeria de uma capacidade subjetiva, que se assemelha com nossa relação com a arte. Da mesma forma, a defesa da democracia, e das repúblicas, não viria agora, apenas da razão, mas, sobretudo, das sensibilidades e idealidades estéticas. Estamos num quadro do configurar de um mundo que deveria de se haver com a ilusão do objetivismo e do produtivismo.

O panorama de um mundo que vive sob a crítica da metafísica da modernidade, bem como de seu caráter simplificador e homogeneizante, pode ajudar a configurar o solo de um Biosofia, ou mesmo de uma sabedoria de viver, que mesmo reconhecendo o caráter imprescindível da práxis histórica para a liberdade humana, a coloca em um movimento que se dá a partir do marco democrático e contingente. Uma cultura do diálogo se coloca como horizonte que favorece na reflexão permanente acerca de tudo àquilo que se cristaliza como dado ou eterno e que inviabiliza a ampliação das potencialidades humanas e democráticas. Para o autor do texto: “a linguagem é nossa casa comum. Mesmo falando línguas diferentes, o ser humano pode se comunicar por linguagem não verbal e alcançar o objetivo de se compreender”.

No texto de Claudinei Vicente Cassol -*Biosofia: viver com sabedoria*, movimento de luta pela continuidade, defesa e qualificação da vida, temos definições bastantes significativas sobre o que o termo Biosofia representa, e em parte o texto representa uma reflexão sobre o que os textos anteriores já pontuaram. Visível aqui, o sentido de uma filosofia, que se sabe amplamente relacionada à condição humana, em toda complexidade que possa envolvê-la. Não se desconhece o lugar do indivíduo, e de sua reflexividade, mas se insere o problema sistêmico do capitalismo e sua forma de inserir e produzir precarizações na vida cotidiana, algo que desafia a repensar como é possível recriar uma esfera pública, em que os problemas sociais possam ser reconhecidos e enfrentados.

A Biosofia, nesse sentido, parece sempre depender de um modo de agir ético, exigindo uma reflexão sobre as grandes contradições que afetam a humanidade. Assim, Claudir Miguel Zuchi, escreve o texto: *A ética como sabedoria: diálogo contemporâneo na perspectiva da Biosofia*. A ética, não deixa de ser uma sabedoria de viver, e ela parece se tornar algo central para a Biosofia. É uma ética que se coloca não apenas em um sentido teleológico, mas sobretudo, crítico, apontando, desde o horizonte da práxis vital, os problemas que precisam e merecem assumir status na vida pública. A sabedoria de viver, de certo modo, ainda dependeria das virtudes, ou mesmo de uma capacidade de julgar, que

sendo feita sobre e partir do concreto, e da reflexão sobre ele, contribuiria para abrir horizontes e criar as condições para uma vida cidadã.

Horizonte, obviamente que se alinha com uma postura, que poderia ou estaria dentro da própria dinâmica de crítica e autocrítica tanto do pensamento Ocidental, bem como de nosso cotidiano vivido. Se a Biosofia até agora descrita, incorporaria, uma dimensão ligada à razão, ao projeto de um mundo idealizado pela razão, bem como seu contraponto na estética, ela também teria um outro eixo na ética, o que não deixa de ser um modo de percebermos que a filosofia política, a filosofia da linguagem, a filosofia social, dialoga, de certo modo, com a filosofia moral.

Nesse espírito de busca de elementos que possam reconfigurar nosso entendimento acerca da vida humana, sua ação com os outros no mundo compartilhado da pólis, que Clenio Viane Mazzone, escreve seu texto – *O Viver no Coletivo como potência na contemporaneidade*. Segundo ele, “a fragilidade, a resistência da vida humana e sua complexidade de inter-relações, sugere-me refletir sobre a vida de forma coletiva e suas interconexões, como possibilidade em irmos nos construindo como seres humanos em sua nossa completude”. O autor recupera o debate de Aristóteles, e nos recola um sentido forte ao afirmar que: “Se pensarmos em vida coletiva, sem dúvida devemos nos reportar aos escritos de Aristóteles, para o qual a *pólis* é a efetivação do bem comum”.

Mas, para atualizar o debate sobre a ética possível, após a virada linguística, ou mesmo em um panorama existencial e pós-metafísico, o autor, ao dialogar com Martin Buber, Gabriel Marcel, Maurice Merleau Ponty, e Habermas, busca criar um caminho a partir da ideia de intersubjetividade, como via para a construção do conhecimento. O autor procura assim, aspectos “que possam potencializar a vida humana, sua riqueza, sua amorosidade, em seus espaços de construção no conhecimento, nos diálogos, na intersubjetividade [...]”.

Em um marco teórico que reafirma o valor caminho da solidariedade temos ainda o brilhante texto de Juliana Vani, o que tematiza – *A Solidariedade enquanto gesto de doação de vida: práxis que pode acurar o mundo*. A autora entende que estamos diante de tantas “mudanças que influenciam a sociedade, as relações individuais, o mundo atual”. Segundo ela, essas relações “se apresentam superficiais, ambíguas e com aproximações complexas e complicadas, potencialmente causadoras de angústia, inquietude e apreensão entre os seres humanos”. A autora não deixa de denunciar que “a grande maioria dessas mudanças, está direcionada para interesses materiais com o foco de maior relevância” na questão mercadológica. Visível o sentido de fundo, em que a autora, ao dialogar com Zygmunt Bauman, recoloca na agenda do dia o problema da

individualização da sociedade. Em sentido semelhante nos instiga a pensar, como ter uma vida boa, em um cenário de grande precarização? E, me pergunto, qual ética é possível em um cenário de consumidores? Como compreender nosso mundo complexo, e ao mesmo tempo interferir nos problemas de nossas localidades? Como produzir um sentido de vida singular, que nos permita ser feliz em meio a tanta busca de performance, e produtividade, por um lado, e exclusão, insegurança e negação da vida por outro?

Sob forma de uma interrogação radical acerca de nossas condições de vida sob o jugo do capitalismo, Carlos Eduardo Krüger, escreve sobre - *O Poder do Capitalismo sobre a sociedade*: a técnica e as mídias de massas como ferramentas de manipulação ideológica sobre a essência humana. Em estilo e atitude crítica, emerge nos questionamentos do autor uma análise que recoloca as questões do poder envoltas nos modos de comunicação que são inaugurados na era da técnica. Segundo ele, “a criação do dinheiro e a decomposição de tudo em capital fez mudarem os referenciais da vida humana, do senso originalmente comunitário e empático, para o pensamento individualista e egocêntrico”. Não bastasse a forma estrutural do capital, precisamos ficar atentos aos modos e formas assumidas pela cultura: “Diretamente relacionadas, as mídias de massas fazem um trabalho importante para o sistema capitalista, quando incutem na sociedade a necessidade de consumo”. O autor, nesta senda aberta, questiona, se: a) “a evolução do capitalismo pode atenuar as mazelas que até então ele próprio deu causa?”; b) A técnica veio para melhorar a vida humana ou para ser o braço direito do capitalismo?; c) “É possível pensar em sobrevivência da espécie humana em face das suas escolhas insustentáveis?”. Questões caras e importantes para todos nós, que queremos pensar e entender como é possível criar as condições para uma arte e sabedoria de viver no cenário de um sistema social que se move pelo dinheiro, e que se autoproduz pela propaganda e consumo de massa.

Em suma, para pensar e se interrogar sobre estas e outras questões, cumprir o livro, porque são muitos os caminhos, e o leitor está desafiado a construir sua narrativa, acerca do que o movimento da Biosofia parece exigir. Uma via aberta, ou melhor uma Obra Aberta, como no diria Umberto Eco, é o presente que acabamos de receber, e nele, podemos respirar e criar uma escuta do silêncio, ou do não dito, que entre as palavras de cada autor/a nos desafia a criar, e que, portanto, nos leve a refletir sobre nossa vida. Longa Vida à Filosofia, às Ciências, às Artes, à Literatura, às Humanidades, e aos autores/as, os quais admiro, por sua coragem, generosidade, inteligência, e sobretudo, inquietação e indignação por qualquer forma de injustiça ou humilhação. A beleza que

avistamos parece estar relacionada com o grau de compromisso, ou com a denúncia de toda e qualquer forma de diminuição, exploração e dominação do humano, ou de exploração da natureza.

Ijuí, 19 de Julho de 2021.

